



# **Educomunicação e discursos: a fala do adulto noticiada pelo jovem**



Bruno de Oliveira Ferreira

## 1. INTRODUÇÃO

**A**s diversas instâncias sociais com as quais o indivíduo tem contato desde o nascimento auxiliam em sua constituição enquanto sujeito. Para Martín-Barbero, a interação com as situações cotidianas mediadas, com outros sujeitos sociais, instituições, meios de comunicação (entre elas) e seus valores é o que torna o sujeito quem ele é, com suas concepções de mundo, sua personalidade, seus desejos, sua forma de viver e transformar a realidade que o cerca.

É nesse contexto que se torna imprescindível ao educador problematizar os discursos produzidos e veiculados pelas mídias, pois, apesar de atualmente haver uma multiplicidade de meios de interação, observa-se em geral, o reforço de ideias hegemônicas em vez de sua problematização, inclusive naqueles meios e veículos que se apresentam como alternativas à massificação da comunicação.

São iniciativas contra-hegemônicas que, atualmente, buscam problematizar os discursos conservadores, propondo processos educativos que possibilitam a vivência e o aprendizado de valores sociais que reverterem a dominante lógica do capital. Nesse sentido, no âmbito da Educomunicação, identificam-se projetos de organizações sociais e que criam mecanismos para viabilizar a expressão de crianças, adolescentes e jovens a partir do estímulo à produção midiática.

O presente artigo apresenta as principais considerações acerca de uma pesquisa realizada junto à ONG Viração Educomunicação para compreender o processo educativo de uma metodologia desenvolvida pela organização, que a define como cobertura educacional, uma prática de produção noticiosa realizada com jovens na perspectiva da Educomunicação.

## 2. COBERTURA EDUCACIONAL

Nesta atividade, orientada por educadores, jovens atuam como entrevistadores, repórteres e produtores de conteúdo midiático em congressos, conferências e seminários que tratam de direitos humanos, educação, comunicação, entre outras temáticas, noticiando os discursos e acontecimentos com os quais têm contato.

Em geral, as coberturas da Viração acontecem nos seguintes suportes: áudio, vídeo, texto, fotografia e jornal mural, cada qual elaborado por subgrupos de jovens orientados pelos educadores. De modo semelhante, ocorreu em 2013, a cobertura da III Conferência Global sobre Trabalho Infantil, em Brasília, da qual participaram 21 adolescentes, cada um oriundo de um estado diferente do país. No total, foram produzidas 12 notícias sobre a etapa global<sup>2</sup> da conferência.

Todos os conteúdos produzidos em coberturas realizadas pela Viração são publicados no site Agência Jovem de Notícias e, em alguns casos, replicados nos sites institucionais ou noticiosos dos órgãos, empresas ou organizações que contratam ou convidam a Viração para a realização das coberturas. Em algumas ocasiões, as coberturas educativas da Viração são prestações de serviço da organização à entidade realizadora do evento coberto. Para esta pesquisa, escolhemos como objeto de estudo a cobertura educativa da III Conferência Global sobre Trabalho Infantil, realizada em caráter de prestação de serviço. Os jovens envolvidos nesta atividade, pela primeira vez, tiveram contato com esse tipo de metodologia ao participarem do evento<sup>3</sup>.

### 3. PROBLEMA DE PESQUISA

A Viração Educomunicação define cobertura educativa da seguinte maneira:

As crianças e os adolescentes são protagonistas da cobertura. Apresentarão ao mundo suas opiniões sobre os temas abordados nas conferências e numa perspectiva não comercial da informação, comumente tratada pelos veículos da grande imprensa cuja natureza é empresarial. Aprenderão a fazer o planejamento de uma cobertura, a levantar dados para suas produções (texto, ilustração, áudio, vídeo, fotografia) a debater suas opiniões,



2 Este estudo limita a sua análise à cobertura educativa da etapa global da conferência, ocorrida entre 8 e 10 de outubro de 2013. No entanto, o mesmo grupo de adolescentes realizou a cobertura da etapa nacional, dois meses antes, também em Brasília.

3 Os jovens que participaram da cobertura educativa da III Conferência Global sobre Trabalho Infantil tiveram, pela primeira vez, contato com uma atividade de Educomunicação, diferentemente de outros jovens que participam de atividades de formação continuada com educadores da Viração ou que integram sua rede de colaboradores jovens, presente em 20 estados brasileiros e no Distrito Federal, que esporadicamente também participam de coberturas educativas.

a perceber a importância dos momentos de escuta, a se comunicar com as pessoas, principalmente as que não estarão nos eventos, pensando em como mobilizá-las. (VIRAÇÃO, 2013)

Dessa forma, o questionamento que orientou a pesquisa inicialmente teve relação com a condição de prestação de serviço da organização a uma entidade contratante e a (suposta) liberdade de expressão dos jovens neste contexto, uma vez que a prestação de um serviço de cobertura poderia confundir-se com a realização de um trabalho de comunicação institucional, em que o pensamento do contratante deve se sobressair, sem a abertura de espaço ao contraditório, como, aliás, pôde-se observar em alguns conteúdos produzidos nesse contexto. Assim, pergunta-se: nessa relação contratual, seria possível e permitido ao jovem elaborar um discurso crítico, problematizador e independente por meio de linguagens midiáticas, uma vez que a cobertura educamunicativa – na ocasião da III Conferência Global sobre Trabalho Infantil – foi uma prestação de serviço da Viração?

#### 4. HIPÓTESES

Para problematizar a questão, elencamos algumas hipóteses:

- » A cobertura educamunicativa é uma instância da comunicação institucional do evento e, como tal, reforça o discurso oficial;
- » Os conteúdos produzidos nas coberturas de eventos institucionais reproduzem os discursos oficiais e, no contexto das notícias produzidas, não são reelaborados, questionados ou problematizados;
- » Os jovens não imprimem uma identidade efetivamente jovem ao assumirem o papel de comunicadores em um evento predominantemente adulto e, dessa forma, a mobilização de outros jovens para a temática do evento coberto fica comprometida;
- » Os educamunicadores atuam mais no sentido de orientar a produção midiática, com vistas aos conteúdos a serem produzidos, do que no auxílio à interpretação e compreensão da fala do adulto, para que o jovem construa um discurso próprio por meio de linguagens midiáticas.

## 5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A técnica utilizada nesta pesquisa foi o Estudo de Caso, tendo a Análise do Discurso como ferramenta para a interpretação de dados, tanto do grupo de entrevistados quanto dos conteúdos produzidos pelos adolescentes. No contexto da pesquisa, foram entrevistados: (1) gestores da Viração Educomunicação, (2) três adolescentes que participaram da cobertura da III Conferência Global sobre Trabalho Infantil e (3) quatro adolescentes de São Paulo, que não têm ligação com a Viração, com os quais realizamos uma pesquisa de recepção de um conteúdo em vídeo produzido durante a cobertura do evento pelos jovens.

A partir das entrevistas com esses grupos, foi possível estabelecer relações entre o que a organização pretende ao promover uma cobertura educamunicativa – tanto no que se refere à aprendizagem e atuação dos adolescentes que atuam como comunicadores nesse contexto, quanto dos conteúdos produzidos, veiculados e entregues aos realizadores –, e como esta proposta é vivenciada na prática pelos adolescentes durante o evento, bem como seus conteúdos produzidos são recebidos pela audiência pretendida.

Com a análise dos conteúdos produzidos em texto, áudio e vídeo, bem como das declarações dadas no contexto das entrevistas, foi possível identificar contradições entre o que se pretende em teoria e o que ocorre na prática, conforme exposto no item a seguir.

## 6. PRINCIPAIS CONSIDERAÇÕES

Os adolescentes e jovens que participam das coberturas educamunicativas orientadas pela Viração Educomunicação recebem uma formação de poucas horas<sup>4</sup> em produção de mídias. Antes da produção propriamente dita, os adolescentes, mediados pelos educamunicadores, se conhecem uns com os outros por meio de uma dinâmica de interação e estabelecem um acordo de convivência. Em seguida, o grupo se divide em subgrupos, de acordo com o interesse e/ou afinidade com cada suporte midiático, sob a mediação/edição de um ou dois educamunicadores.



4 O tempo de preparação para a cobertura varia de acordo com a disponibilidade e dinâmica de cada evento.

É geralmente a partir dessa organização que os profissionais dialogam sobre as especificidades da linguagem midiática do grupo e simulam uma situação em que devem produzir notícias fictícias em caráter de treino. Na sequência, os adolescentes compartilham suas produções e o grupo avalia o que foi produzido por cada um de seus componentes. Depois, os adolescentes são estimulados a proporem pautas, que surgem, na maior parte das vezes – e para facilitar a cobertura dos jovens –, a partir da leitura coletiva da programação do evento. A partir dessa organização, cada dupla ou trio de jovens fica responsável por cobrir uma parte do que é previsto na programação e, após o acompanhamento das atividades, retornam à sala da equipe de cobertura para redigirem seus textos e receberem auxílio dos profissionais de Educomunicação.

Os conteúdos produzidos a partir desse procedimento foram analisados e, nesse contexto, observamos que a cobertura educamunicativa da III Conferência Global sobre Trabalho Infantil foi, em certa medida, uma instância de sua comunicação institucional. Os gestores da Viração afirmaram que a parceria entre a organização e sua contratante se evidenciou para o público, especialmente às pessoas presentes no evento. O boletim impresso produzido nesse contexto demonstra essa parceria ao apresentar, em seu rodapé, os logotipos do governo federal, Organização Internacional do Trabalho (OIT) – organizadores do evento – e da III Conferência Global sobre Trabalho Infantil, dispostos ao lado dos logotipos do site Agência Jovem de Notícias e da Viração Educomunicação.

Ao analisarmos os conteúdos do boletim, observamos outro aspecto de oficialidade: textos no formato de dito relatado, uma definição de Charaudeau (2013) para notícias que se limitam a reportar o discurso de um personagem a quem, por alguma razão, pretende-se dar notoriedade. Nos dois números do boletim impresso, foram publicadas seis notícias, das quais quatro ativeram-se a reportar discursos de personalidades ligadas ao governo federal e à OIT. O outro conteúdo do boletim também reflete uma relação de institucionalidade. Trata-se de uma nota sobre a própria cobertura educamunicativa.

Observou-se, no entanto, que a reprodução do discurso oficial não é uma orientação dos educadores ou de um acordo pré-estabelecido entre a Viração e o contratante. Trata-se de uma dificuldade de reelaboração por parte do jovem, que se ateuve a reproduzir o que ouviu no contexto do evento.

Essa reprodução acontece ainda nos materiais em vídeo produzidos durante a cobertura. A maior parte deles são entrevistas em que uma adolescente de 15 anos desempenha o papel de entrevistadora. Em cada vídeo, ela dirige uma ou duas perguntas a um adulto. Um dos vídeos produzidos durante a cobertura foi usado na pesquisa de recepção com quatro adolescentes de São Paulo, que apesar de terem achado importante um material que chame a atenção para a questão do trabalho infantil, não se identificaram com o seu conteúdo. Classificaram o vídeo como “sério”, embora de fácil compreensão, dirigido a um público “mais adulto” e sequer reconheceram a entrevistadora como uma adolescente.

É evidente que a idade da entrevistadora é um aspecto subjetivo. Por esse motivo, foi questionado aos adolescentes por que motivo atribuíram a ela, durante a pesquisa, uma idade superior a que ela tinha na época da cobertura. Todos os jovens indicaram o estranhamento com relação ao fato de uma adolescente exercer a função de entrevistadora.

Isso remete ao conceito de *ethos*, em Barthes (apud Maingueneau, 2013). A adolescente, no momento em que estava diante da câmera, com microfone em mãos recorreu às suas referências de repórter televisiva, abandonando a espontaneidade ao se expressar e adotando formalidade na postura e no modo de falar. Ao posicionar-se para ser filmada e aproximar o microfone da boca, deixava de ser adolescente e passava a ser comunicadora, saltando aos olhos de quem assiste ao vídeo a imagem convencional de repórter televisiva. Dirigindo-se ao outro – ou seja, aos receptores da entrevista ou ao próprio entrevistado adulto –, a adolescente adotou “os traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório (pouco importa a sua sinceridade) para causar boa impressão: são os ares que assume para se apresentar (...)” (BARTHES apud MAINGUENEAU, 2013, p. 107).

A adolescente em questão desempenhou o papel de repórter em três vídeos, nos quais entrevista especialistas adultos. Em um deles, no entanto, tem a oportunidade de entrevistar jovens de uma orquestra que se apresentou durante

a conferência. Nessas peças analisadas, observamos que quando a adolescente interage com adultos, ela se limita a fazer perguntas e a apresentar, de modo padronizado e repetitivo, seus entrevistados. No entanto, em contato com outra adolescente, observamos uma conduta menos passiva e uma tentativa de questionamento não ensaiado.

Dessa maneira, foi possível perceber que o ecossistema comunicativo fundamentado na produção noticiosa não garante o diálogo e o entendimento do discurso do adulto por parte do jovem comunicador, de acordo com a concepção de Bakhtin/Volochinov (2002) e também de Freire (2011). A adoção do ethos de comunicador pelos adolescentes no contexto da cobertura – em vez da sua desconstrução ao longo da atividade pelos educadores – talvez tenha colaborado para esse distanciamento entre comunicação jovem e jovens receptores.

A fala de uma das jovens participantes da cobertura educacional explicita que a atividade não reforça a necessidade de o jovem se posicionar como tal, mas apenas a necessidade de noticiar quem protagoniza, de fato, a conferência sobre trabalho infantil: o adulto. A Educomunicação é entendida por Thamires Rozendo, uma das jovens participantes da cobertura, como forma de se comunicar com os adultos como “se a gente fosse da mesma – como é que eu posso dizer? – sociedade, como se fosse de adulto para adulto”, afirmou.

Entendemos, assim, que a facilitação do educador direciona-se ao exercício de práticas midiáticas e não, especificamente, à compreensão e debate acerca da fala do adulto. Como consequência, a linguagem técnica do adulto não foi transformada pelos jovens comunicadores, prejudicando a sensibilização de outros jovens para a questão do trabalho infantil.

## 7. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Diante do exposto, propomos a criação de uma metodologia focada na comunicação enquanto processo educativo, tendo a produção midiática não como ponto de partida desse processo, mas como finalidade, como modo de registro da vivência do evento e sistematização de sua compreensão da temática. Essa produção será possível a partir da interação dos adolescentes com os atores

presentes no espaço da conferência e, principalmente, pela problematização dos discursos com os quais os jovens tiveram contato, a partir da mediação exercida pelos educadores da organização.

Nesse sentido, observamos a necessidade de que os educadores sejam capazes não apenas de facilitar – de modo dialógico, horizontal e democrático – a produção midiática, mas tenham ainda a sensibilidade para exercer o papel de mediadores culturais, capazes de buscar, junto ao jovem, descobrir a significação do desconhecido – do linguajar técnico e burocrático do adulto –, para que conhecedor da formalidade que regem algumas relações adultas, o jovem, sem relegar sua identidade nesses momentos, seja de fato o comunicador-mobilizador capaz de sensibilizar outros jovens, que se reconhecem nele e a partir dele descobrem o novo.

Entendemos que esse processo fará com que os conteúdos produzidos sejam mais criativos, críticos e/ou analíticos, fruto de compreensão e posicionamento coletivos, e que as entrevistas com especialistas e autoridades terá o caráter de conversa com o adulto, em que o jovem entrevistador, a partir do que discutiu com seu grupo e com os educadores, terá condições de colocar-se enquanto sujeito questionador junto ao adulto. Por isso, com essa proposta, compreendemos a importância de rever a quantidade de conteúdos propostos aos contratantes da Viração, destacando a profundidade dos materiais resultantes do processo, em vez do número de produtos midiáticos a serem entregues.

Sugerimos, portanto, que o jovem vivencie a experiência de um evento e que ela se manifeste, com coerência, em conteúdos midiáticos, que serão fruto de um processo de discussão coletiva. Em subgrupos de discussão, os adolescentes devem vivenciar coletivamente o evento, participar dos mesmos debates, realizar anotações, registrar impressões – seja em áudio, vídeo, texto ou fotografia – mas sem o objetivo de que esse registro seja um conteúdo noticioso final, mas apenas uma maneira de apreender suas impressões do evento para um momento posterior de discussão e concepção coletiva de um produto de comunicação.

O que propomos enquanto intervenção é, enfim, um processo sem a urgência jornalística que fragiliza sua perspectiva educacional,

garantindo ao processo o tempo necessário à reflexão, sendo, em alguma medida, adaptável aos diferentes contextos em que jovens orientados pelos educadores da Viração estarão inseridos.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O problema identificado inicialmente como sendo a condição de prestação de serviço da Viração ao governo federal e OIT revelou-se, ao longo da pesquisa, como um falso problema. A fragilidade da cobertura educacional da organização incide, como demonstra os resultados da pesquisa, em sua metodologia, que não consegue desconstruir o discurso do adulto para que os jovens, de modo coletivo, o reconstruam em um novo discurso, com identidade efetivamente jovem e manifesto em produtos midiáticos capazes de fazer com que outros jovens se identifiquem com a linguagem e se sensibilizem para a temática reportada no contexto de uma cobertura educacional.

## 9. REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Michail; VOLOCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec: 2002.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto: 2013

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra: 2011.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 2011.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez: 2013.

SILVA, Rafael Alves da. **Projeto Coberturas educacionais do processo da III Conferência Global sobre Trabalho Infantil**. Brasília: 2013.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação.** Contribuições para a reforma do Ensino Médio. São Paulo: Paulinas: 2012.

•• O/A AUTOR/A ••

**Bruno de Oliveira Ferreira** é jornalista formado pela Universidade Metodista de São Paulo, especialista em Educomunicação: Comunicação, mídias e educação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). É professor de Comunicação no Senac Osasco (SP), educador da ONG Viração Educomunicação, onde é editor de conteúdos produzidos por jovens para site, redes sociais e revista impressa. É também idealizador e editor da Revista Caravela. De forma autônoma, já palestrou sobre Educomunicação para estudantes de Licenciatura em Educomunicação da USP (São Paulo), Mídia e Educação para estudantes de Pedagogia e cursos de licenciatura da Universidade Estadual do Piauí (Uniespi) e sobre Mídia Impressa para alunos de Jornalismo da UniRondon e UFMT (Cuiabá).